

À conversa com... Jorge Pinheiro

GD: De que gosta muito?

Daquilo que toda a gente gosta: música, escrever, férias na praia, mas também tenho saudades dos tempos em que trabalhava na banca, apesar de ter vivido tempos muito difíceis e exigentes. Depois, gosto de arte de maneira geral.

GD: O que detesta?

Hipocrisia, inveja e falsidade. Detesto este mundo de enganos e de desenganos. Já diziam os de antigamente: «anda meio mundo a enganar outro meio». Politicamente procuro manter-me equidistante da verdade e da mentira. Não sou um *yes-man*; sou um revoltado passivo. Não nasci para herói, mas sei bem defender os valores que o meu pai me inculcou – valores do trabalho, da honestidade, da perseverança e também da tolerância.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

Por vezes é um passo a menos, mas há dias, como este lindo dia de sol que estamos a viver hoje, em que, claramente, apetece dar passos a mais e continuar a viver até que a saúde me permita.

GD: Tendo começado a cantar aos 8 anos, percebeu logo que tinha talento?

Sim, sem falsas modéstias, percebi que os meus pais, ou Deus, ou o destino, me tinha dado ouvido para a música e uma voz interessante, que agradava às pessoas. Comecei na altura do Joselito, e muita gente me comparava, dizendo que eu era o Joselito cá da terra. Claro que não era, sempre fui e continuei a ser o Jorge. Enfim, alguns atributos interessantes.

GD: Quem é o seu poeta de eleição?

David Mourão-Ferreira e José Carlos Ary dos Santos.

GD: E quem é o intérprete musical que mais admira?

Tirando os clássicos, Luciano Pavarotti e Andrea Bocelli, gosto muito do português Paulo de Carvalho. E, já agora, também gosto muito do Tordo.

GD: O que é mais gratificante: passar uma noite a cantar fado, ou uma noite a brincar com as palavras escritas?

Uma noite a brincar com as palavras escritas. As sensações são diferentes. Quando canto estou fora de portas; quando escrevo estou em casa, e isso dá-me outra tranquilidade e também prazer.

GD: Quem é o seu ídolo?

Tenho vários. Léo Ferré, Charles Aznavour, Jacques Brel e Chico Buarque de Hollanda.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

Vou responder que sim. Mas quando há falta dela, não há volta a dar.

Conhecemos todos o adágio popular que diz: «Se queres na boa cama dormir, tens de a fazer como deve ser.»

GD: Picasso disse em tempos: «A inspiração, quando chega, encontra-me sempre a trabalhar.» Também lhe acontece isso, ou pega na caneta só quando se sente inspirado?

Encontra-me sempre a trabalhar.

GD: Na vida qual é a regra do jogo?

Não fazer batota. Irmos respirando todos os dias, mas sem fazer batota.

Fazer batota não resulta. Pode resultar durante uns tempos, mas no fim quero acreditar que a verdade vem sempre ao cimo.

GD: A propósito do fado *Esquina de Rua*, quero saber se em Torres Novas também há ruas belas e esquinas interessantes.

Claro que sim; é uma cidade antiquíssima. Mas já tivemos mais esquinas e também mais tabernas. Era uma cidade de tascas e de muita vida nocturna. Antigamente havia sempre gente acordada nesta cidade.

GD: Qual era a pegada que gostava de deixar para as gerações vindouras?

Aquilo que tenho feito são pegadas. O CD, o livro, a imprensa, as canções, os discos; tudo isto são pegadas da minha vida.

GD: Já percebemos que é um homem de desafios. Não acreditamos que os 72 anos de idade sejam suficientes para o amarrar. Qual é o próximo?

Talvez um novo livro. O meu filho mais velho tem feito alguma pressão nesse sentido; mas agora vamos com calma. Fazer os 70 anos de carreira, que ninguém faz 😊.

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

Limonada

GD: Está zangado com alguém?

Não

GD: Quem punha na prisão?

Ninguém

GD: O que é que a idade nos oferece?

Vivências

GD: E o que é que ela nos tira?

Muita coisa. A mim, tira-me a possibilidade de viver mais 50 anos. Tira-nos a vitalidade de outros tempos.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

A conquista mais antiga e mais valiosa terá sido a minha mulher. Tinha os olhos verdes mais bonitos do mundo e o coração mais doce que encontrei até hoje.

Depois dela, não posso nem quero deixar de referir conquistas também muito importantes para mim – os meus filhos e a minha actual companheira. Na altura foram importantes, hoje são fundamentais e são um forte contributo para que eu me sinta um homem realizado e feliz.

GD: O filme mais, mais, mais...?

Rocco e os Seus Irmãos – um drama realista; é uma magistral digressão pelos dramas da condição humana. E também *Le Soupirant*, com o Pierre Etaix, quase um filme mudo, mas espectacular.

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

Adoro a floresta. Floresta é a minha resposta.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

Não acredito muito no destino. Acredito mais na capacidade de mudar; embora o burro velho já não aprenda línguas ☺

GD: Tem saudades de quê?

Da minha infância. Modesta, mas muita divertida e cheia de brincadeiras. Dos meus pais, ainda que pobres, mas trabalhadores e alegres.

GD: Como é que gostava de ser recordado pelos seus colegas do Banco?

Como um colega, leal, porreiro, trabalhador e exigente.

GD: O que queria ser quando era menino?

Ao contrário de muitos meninos, eu não queria ser futebolista, queria apenas jogar futebol.

GD: O que quer ser quando for velhinho?

Quero ser lucido

GD: De que forma é que a alma pode improvisar?

A minha está sempre a improvisar. Os meus versos saem como torneiras de água pura. É algo que eu ofereço a mim mesmo e aos outros.

GD: O propósito da sua arte é servir os outros ou servir a arte?

Boa pergunta. Servir a mim mesmo; mas tento sempre servir também os outros. Não quero ser pretensioso ao dizer que quero servir a arte. Costumo dizer que fico satisfeito quando alguém gosta do meu trabalho. Nem que seja apenas um.

GD: Como é que um sócio pode comprar o seu disco de fados ou o seu livro de poemas?

Através do meu Facebook, ou através do Grupo Desportivo.

GD: «Prefiro ser pobre a ser um miserável rico.» Qual é o sentimento que se apodera da sua pessoa quando julga estar na presença de um miserável rico?

Pena

GD: «Hoje não tenho inspiração. As letras não se cruzam; estão paradas no alfabeto.» Começou a escrever com a esperança de que a inspiração chegasse?

Foi, acontece com alguma frequência. E nesse caso surgiu... e escrevi um poema bem interessante!

GD: «Antes de sair de casa, preparo a asa para voar até onde o tempo me levar.» Até onde é que o tempo o leva, nos dias de hoje?

O tempo leva-me ao sonho e leva-me também à realidade. Mas, acima de tudo, leva-me na busca da verdade, que é aquilo que eu mais prezo.

GD: «Esta noite vou ao fado, no lado certo da noite.» Qual é o lado certo da noite?

É não ficar em casa. Não pensar só na televisão e no sono. O importante é viver e sentirmo-nos vivos.

GD: «A humildade é a mãe de todas as virtudes.» Mas no seu livro podemos ler uma frase de Agostinho da Silva que diz: «Não me interessa ser original, interessa-me ser verdadeiro.» Não posso deixar de lhe fazer uma pergunta. Verdade, ou humildade?

A verdade é fundamental, mas colocadas as coisas dessa forma, vou responder humildade.

GD: Qual foi a pergunta que ficou por fazer?

Se eu tenho pena de ainda não ter netos. Tenho pena, não tenho mágoa, mas tenho um bocadinho de pena. Talvez me pudesse ter perguntado se eu gostava de cantar no Casino Estoril. Claro que gostava, no Salão Preto e Prata. E olhe que me aguentava, não me ia abaixo ☺.

30. Responde – Com uma palavra apenas

GD: Qual o seu prato favorito?

Sopa da pedra

GD: Teatro ou cinema?

Teatro

GD: Prosa ou verso?

Prosa

GD: Livro ou crónicas soltas?

Livro

GD: Primavera ou Verão?

Verão

GD: Beijo ou abraço?

Beijo ou “abreijo”

GD: Jazz ou rock?

Rock

GD: Manhã ou tarde?

Manhã

GD: 25 de Abril

Sempre

GD: Bruno de Carvalho

Nunca mais

GD: Grupo Desportivo BPI

Muito bom

Por Rui Duque, 4-05-2019